

Editorial

Sérgio Niza

Rui Trindade escolheu para dissertação de doutoramento na Universidade do Porto o estudo das configurações típicas dos discursos didácticos desenvolvidos pelo MEM, ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico, a partir de um *corpus* de textos escritos publicados até 2003.

Após vários debates que fomos alimentando com ele, temo-lo agora, como membro do Movimento, num artigo onde sumariza esse volumoso trabalho universitário. É esta a quarta tese de doutoramento que elege como objecto de estudo o nosso Movimento, no conjunto de um ainda maior número de notáveis dissertações de Mestrado. Este já relevante conjunto de trabalhos académicos e os que estão em elaboração, vêm permitindo contar com fortes contributos para a reflexão crítica e o desenvolvimento cultural e profissional no MEM, através de uma cadeia contínua de impulsos externos de elevada qualidade, como nenhum outro movimento pedagógico pôde dispor ao longo da história da educação. É bom que tenhamos consciência do valor inestimável de todos esses trabalhos para o projecto de construção de uma cultura alternativa de educação democrática e de desenvolvimento profissional, comprometido socialmente, no âmbito de uma cidadania compartilhada e activa.

Dir-se-ia que a convenção académica a que o Rui se teve de submeter, lhe permitiu dar visibilidade apenas aos escritos da revista do MEM, que por culpa nossa, deixam fora deles algumas das práticas mais comuns e estáveis, como é o caso, por exemplo, dos projectos de

trabalho para estudo, investigação e intervenção no meio ambiente.

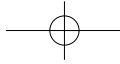
Convido-vos a construir, em cooperação, textos de resposta ao conjunto de tão estimulantes perguntas que o Rui nos faz, sobre a natureza do trabalho de aprendizagem-ensino desenvolvido pelos alunos e professores no âmbito das várias áreas disciplinares do currículo oficial.

Convém, porém, avançar uma prévia inquietação: que o debate, a reflexão e a produção escrita a que vos desafio não deixem de ter em conta quanto a disciplinarização poderá atentar contra algo de principal e fundamental que é o esforço de prosseguir no trabalho de integração disciplinar para que se orienta a nossa prática cultural e intelectual com os alunos nas escolas e, entre nós, na formação.

A tradição das didácticas específicas é a garantia da divisão do poder territorial da universidade. Os horizontes de mudança e o futuro da humanidade não cabem, hoje, nos cubículos disciplinares. Conhecer com profundidade esses quadros de economia intelectual é, no entanto, decisivo, para empreender travessias mais seguras e rigorosas (projectos e estudos transversais).

O Rui, na armadilha académica que frequentemente a universidade lança, foi levado a olhar as árvores. A lógica cumulativa impedem-nos, porém, de conhecer a floresta. Porque o todo, num sistema, está para além da soma das suas partes.

Ele sabe hoje, estando connosco, de umas



quantas falhas de congruência do seu estudo mas, talvez não saiba ainda quanto essas incongruências e subestimadas informações são para nós sinais inestimáveis de interpelação iluminante.

Importa sublimar como tornou evidente que as áreas privilegiadas da nossa reflexão crítica e de produção cultural são:

- 1 – *As intervenções educativas de orientação inclusiva* como expressão do nosso ethos político, construído na valorização e respeito pela diferença, como exigência de reciprocidade fraterna, orientada pelo princípio da igualdade na cidadania, com que havemos de construir sociedades inclusivas.
- 2 – *A dimensão social da organização das aprendizagens*, como estruturação sócio-centrada do trabalho dialéctico de aprendizagem-ensino para um desenvolvimento humano de orientação sócio-cultural.
- 3 – *A consideração da língua / linguagem como instrumento superior de toda a aprendizagem*, utensílio fundamental para que cada professor possa operar a mediação sócio-cultural que dá sentido à profissão de educador. Se é na interlocução que o conhecimento se constrói, é sobretudo no modo escrito da língua que ele se espande, complexifica e desenvolve. Se as duas dimensões anteriores se constituem como raízes, esta, a da *comunicação* que possibilita o desenvolvimento humano, é o motor de toda a educação. É por isso que se não poderá jamais acantonar numa didáctica que a pouca-ria, iludindo o seu papel de «instituição

fundamental», como disse da linguagem Henry Wallon.

- 4 – *A construção do modelo pedagógico* tem, portanto, como alicerces diferenciados mas convergentes, os anteriores. O inacabado edifício, havemos de mantê-lo como sistema aberto, esperando sempre mais massa crítica que o aperfeiçoe, nos valores essenciais da democracia, em conflitual diálogo directo, construindo em cooperação lugares de justiça e de solidariedade, fundados na reciprocidade entre os humanos.

Os outros saberes, as outras competências, também destes hão-de derivar. Isto é, as orientações e o travejamento do Modelo Pedagógico para a educação das crianças e dos jovens e para a formação dos seus professores também destes decorrem. Tudo o mais, do como se aprende substancialmente alguma coisa em particular, derivará deste quadro de referência tão alargado mas tão situado e seguirá a história epistemológica da construção do conhecimento, em cada um dos seus esforços metodológicos e processuais, ditos disciplinares, interdisciplinares ou transversais. E tudo isto sem intermediações destrutoras como o são as operações sucessivas da transposição didáctica.

A transposição, sendo, inevitavelmente, uma acção de enviesamento, não poderá, alguma vez, constituir-se em alicerce de conhecimento. A transposição é, sim, uma frutuosa ideia para o estudo desse enviesamento, para que fazendo-se luz sobre tal actividade humana, a possamos banir da escola redignificando assim o conhecimento científico e libertando de atavismos didácticos a Cultura, porque só a Cultura autêntica é o próprio instrumento de produção de mais Cultura.

